

## SÍNDROME DA FALTA DE PODER DA CLASSE POBRE



Helenilda Wanderley de V. Cavalcanti

Pesquisadora do Depto. de Economia  
da Fundação Joaquim Nabuco

A perspectiva do presente trabalho se fundamenta numa visão da *powerlessness*,<sup>1</sup> retirada do dia-a-dia de famílias de renda baixa integradas numa intervenção nutricional realizada no Recife em 1977-79, abreviadamente PINS.<sup>2</sup> Introduzimos na operação analítica, com o fim de facilitar a interpretação das informações, de maneira lúcida e realística, a visão do povo que sente e que vive o problema de ver retirado do seu alcance o poder e o controle das decisões que são particularmente importantes para a sua sobrevivência.

As observações do contraste da imagem que o pobre emite de si, como indivíduo "inutilizado" ou "preso" na pobreza, e os inúmeros meios que utiliza para sobreviver, para conseguir resgatar os direitos de moradia, dos serviços públicos, etc. —, revelam uma contradição entre a fala e as ações. A fala mostra em seu conteúdo, os sentimentos e as expectativas que sofreram prejuízos pelas dificuldades reais enfrentadas no cotidiano e se expressa na maioria dos casos por um discurso típico da síndrome de falta de poder, de *powerlessness*. Por outro lado, uma análise de suas ações revela formas incessantes de lutas que não podem ser chamadas de atitudes passivas.

A análise da fala e das ações nos casos que iremos examinar mostra os indivíduos colocados não só de uma forma desigual, em termos de poder, pelos limites das condições para participar com dignidade do funcionamento da sociedade, como também revela um fenômeno muito consistente verificado dentro da dinâmica interna do espaço social dos indivíduos de baixa renda, que é o ciclo de mudanças registrado no cotidiano dos indivíduos e que está fundamentalmente relacionado com a falta de poder das pessoas para eleger as suas escolhas. Além disso, essas mudanças (como mudar do rural para o urbano; ser removido de um lugar a outro; mudar a dieta; mudar de ramo de trabalho, etc.) acontecem sem que os indivíduos possam ter a consciência de como elas ocorrem e do por que está sendo obrigado a passar por elas. Não é possível construir seqüências acabadas dentro do ciclo de vida, nem elaborar percepções, nem tampouco acumular experiência que pelo resultado de vê-las concluídas proporciona integração para outras etapas. As mudanças são realizadas por saltos inesperados, cuja freqüência termina por entrar na rotina.

Dentro do contexto de análise aqui proposto, é necessário que se distinga a direção dos problemas psicológicos individuais, os quais não caracterizam por origem um grupo específico de pessoas ou classe, daqueles problemas psicológicos que são suscitados pela severidade do peso da estrutura social opressiva que recai sobre as experiências individuais, com maior ou menor intensidade, segundo as circunstâncias. Em geral, como têm mostrado as experiências das famílias pobres, a severidade da deprivação social está dirigida a um grupo ou classe, produzindo, na subjetividade dos indivíduos, os traumatismos que denominamos aqui de traumatismos da exploração. A noção da subjetividade aqui traz em si a noção de totalidade, porque envolve a noção do homem e do mundo.<sup>3</sup>

Quando tomamos as biografias das pessoas pobres, em geral corremos o risco de mostrar sua realidade basicamente através dos problemas pessoais dos indivíduos, julgando que tais configurações pessoais as oprimem em sua própria cultura. O enfoque dos problemas é, nesse sentido, delineado a partir da consideração da personalidade, recaindo suas causas principalmente nas frustrações e fracassos individuais. Deixa-se, portanto, de revelar o caráter das estruturas da sociedade que aprisionam as suas vítimas.

Esta constatação ocorre, principalmente, porque os conflitos internos que estão sempre presentes nos indivíduos pobres, são parte permanente do seu isolamento, de sua condição de desamparados. As condições de vida, de escassez, anormalmente intensas e duradouras, dirigidas a toda uma geração, eliminam física e psicologicamente as possibilidades de luta dos indivíduos contra os obstáculos, com resultados danosos sobre a mente humana e sobre a perda de suas raízes culturais, o suficiente para comprometer de forma alarmente a vida.

Não é com menos peso como bem afirmam Deutsch e Krauss<sup>4</sup> “que as revoluções sociais tendem a ocorrer somente depois que se verifica um certo melhoramento na situação do grupo oprimido —, o melhoramento, aumenta o nível de aspiração e objetivos que eram anteriormente percebidos como inatingíveis podem ser vistos agora como possibilidades reais de que se pode lançar mão”.

Este esclarecimento nos fornece condições para compreender melhor a apatia social, a submissão do indivíduo na presença de problemas que exigem uma atitude política, como também a qualidade de respostas que demonstrem capacidade de recriar e reelaborar o conhecimento de si mesmo como explorado e da realidade em que vivem seus semelhantes.

A observação das famílias estudadas permite afirmar que tanto mais os indivíduos estejam presos ao círculo vicioso criado pela situação de opressão: de não poder comer, de não poder vestir, de não poder ter trabalho digno, quanto mais aumentam os efeitos interativos dos sentimentos que conduzem a expressar essa apatia social pela perda do controle de seu próprio destino e das decisões que o atingem. É em Marx<sup>5</sup> que encontramos a confirmação de que não são os indivíduos do lumpemproletariado, que, por viverem na miséria e opressão intensa, facilmente podem ser capazes de formar uma efetiva consciência da sociedade ou conduzirem uma ação organizada.

Se assim ocorresse, essa população estaria sempre em revolta.

O que sucede é que essa população absorvida totalmente pelos seus problemas de sobrevivência e vivendo outras contradições internas, tem sérias difi-

culdades em compreender as causas verdadeiras que estão por trás da explicação da sua condição de barganhar o poder. Como abstrair os fatos dessa realidade em pensamentos e construções de idéias instrumentalizadas, se o que mais acode na mente é o esgotamento físico e psíquico, é a idéia central de comer cada dia “os tiquinhos”, combinando “ovos com salsicha ou salsicha com ovos”? Se a simples subsistência é a meta a ser alcançada, um ideal a ser atingido? Na verdade, o que se faz mais relevante é a consciência desse cotidiano, formada em um território comum, com problemas que têm as mesmas raízes e com lutas que se deparam com obstáculos comuns, no esforço do indivíduo de se ajustar ao meio e sobreviver do caos das condições que lhe são destinadas como: carregar lixo, mexer com água contaminada, viver na lama, comer alimento impuro, não poder ter higiene, ser faminto.

Tomemos os depoimentos de famílias assistidas pelo PINS estudadas durante três anos (1977-79), que em recapitulações ou espelhos nos mostram as imagens aí reproduzidas dos desânimos e das lutas dessa população. !

A primeira visão que se apreende ao observar as famílias do PINS, é o contraste entre o seu comportamento no meio social em que vivem e o que têm que desempenhar fora do seu ambiente natural, onde se tem que competir com modalidades de comportamento que estão mais habilitadas para a aceitação social plena de um estilo de vida que traz consubstanciada a estrutura de poder rígida da sociedade. É, portanto, um mergulho nos mecanismos psicológicos pelos quais os indivíduos lançam mão para sobreviver das condições de desqualificação que lhes são impostas. Tais condições acarretam a exclusão sem conciliação de dois mundos, cuja fronteira é estabelecida pela linha divisória entre quem tem poder e quem não tem.

É, portanto, diante de um mundo urbano sofisticado e complicado que se tem que concentrar para sobreviver. Começa-se logo pela necessidade do pobre em definir quem ele é, frente à prática organizacional padronizada que ajuda a identificação da pessoa física, para diferenciá-lo dos demais. Há realmente um verdadeiro contraste entre esse mundo dos papéis e o mundo mais simples, desburocratizado, improvisado, da simples “Maria”, do simples “João”, ou mesmo da alcunha do “Gago”, do “Seu Zé da Venda”, ou da “Maria do Arroz”. Para eles, pouco interessa o nome da família, são todos “Silvas”, “Santos”, “Gomes”. Nada muda a configuração da vida, nem o prestígio das pessoas. São todos, por assim dizer, de uma só família, ligados por laços de sofrimento e por lutas incansáveis em sua enorme e brutal pobreza. São como os Severinos do poema de João Cabral de Melo Neto: 6

... “filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda era que vivia,  
somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida. . .”

Essa realidade simples, cindida entre os mundos de quem tem e de quem não tem poder, ainda que todos os indivíduos pertençam a um mesmo modelo

social, revela-se numa percepção sensível do indivíduo, mostrando-se através de suas imagens espontâneas e de suas memórias, de seus esquemas corporais, e das contradições desses dois mundos, onde o homem aparece como “vítima das aspirações que não pode alcançar e das esperanças que não pode satisfazer”.<sup>7</sup>

Assim os nomes que denominam as pessoas, o lugar onde estas habitam e a linguagem do cotidiano, trazem carregados em seu contexto existencial a mente sensível da percepção da exclusão social em que vivem os indivíduos.

Durante a pesquisa de campo de acompanhamento das famílias beneficiárias do PINS, observamos uma cena que chamou muito a atenção pelo seu caráter revelador da prontidão com que os indivíduos, que vivem na odisséia da pobreza, decifram os múltiplos signos do confronto da dicotomia dos dois mundos.

Andando pelos becos alagados de Santo Amaro, bairro pobre do Recife, à procura de identificar endereços das famílias que seriam objeto de estudos de caso, tentando equilibrar os pés entre os cantos mais secos que permitiam uma passagem forçada e resvalada na lama negra, fervejada de mosquitos e dejetos humanos das casas, cuja gravidade se acentuava pela mistura de águas que saíam do muro próximo do Hospital do Câncer, formando uma só camada do líquido perigoso que brilhava à luz do sol de verão, enquanto crianças passavam brincando, chutando a água e correndo para ver o efeito das ondinhas que se formavam, paramos e perguntamos a um cidadão que passava de calças arregaçadas, sapatos nos dedos, qual o nome daquele local. O transeunte, de rosto sorridente e bastante expressivo, respondeu: “Aqui é a Lagoa Dourada”! E saiu sorrindo, olhando o nosso jeito, que contrastava com o das pessoas do lugar, na nossa preocupação de a todo custo salvar os pés e a roupa limpa do contato com o líquido nauseante.

Tal habilidade em fazer humor da miséria; de forma sutil, cheia de malícia — recurso freqüentemente utilizado pelo indivíduo para esconder seu sofrimento, como recusa a se deixar afligir pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer, e por outro lado, para ressaltar o caráter do opressor, como bem explica Silberstein,<sup>8</sup> — pode parecer que o indivíduo está conscientemente aceitando a situação de miséria, quando, de fato, sofre inconscientemente uma tentativa de adaptação a todo um contexto social e econômico a que está sujeito.

Por outro lado, o que salta aos olhos no contato com as famílias do PINS, é que o seu cotidiano encontra-se preenchido totalmente pelas lutas intensas da sobrevivência. Toda a família entra em ação dentro de um regime de austeridade. Dos músculos e da capacidade física dos indivíduos reclama-se um trabalho desproporcionado para responder à grande fome, à grande miséria. É como atestam estes depoimentos:<sup>9</sup>

“Pobre hoje vive porque Deus consente”.

“É o fim do mundo! A gente tem é que pegar marisco. Mas não tem nem maré. . .”

“A maré está braba. . . Os ratos ficam roendo as paredes porque não têm o que comer”.

“Só pode ter uma explicação superior – a do Criador – que com isso quer provar alguma coisa ou que é talvez a prova de sua inexistência”.

“O pobre não está vivendo. É como uma fila de gente que vai sendo empurrada a pulso. Empurrada e, quem cair, cai de fome”.

Tais imagens espelham as vicissitudes do chamado *lumpenproletariat*, para usar a expressão alemã empregada pelos marxistas, que define a borra mais espoliada da sociedade, como bem lembra Geraldo Mello Mourão.<sup>10</sup> A expressão alemã, diz este autor, “define aqueles grupos sociais tão castigados pela exploração, que haviam perdido tudo: o fundo e a forma. Perdido até mesmo a identidade da própria miséria, essas camadas se transformaram numa espécie de excrecência do povo, um conglomerado surdo e mudo, que a impotente existência tornara passivo e abúlico.” O autor ao definir a etimologia da palavra “lumpen” encontra como referência de seu significado as expressões trapos, farrapos. É uma espécie de proletariado, segundo os marxistas, “ao qual a perversidade institucional roubou tudo, até a própria sensibilidade e o instinto de defesa. É a velhacaria da pobreza, em sua expressão mais trágica, em que os seres humanos se viciaram com a própria derrelição”.<sup>11</sup>

Mas são eles mesmos que dizem clara e abertamente, com suas imagens realísticas, com seus gestos sem susto, porém perplexos, como são vítimas da leviandade do nosso sistema social que leva tanto a um estado de miséria econômica e à degradação humana, como também a uma miséria diferenciada entre os sexos:

“Pobre é uma derrota! Devia era morrer. . .”

Severina tem 32 anos, trabalha como cozinheira em um bar, sem carteira assinada. Separada do marido, mãe de 5 filhos menores (10 anos; 4 anos; 3 anos; 2 anos; e o último de 7 meses), mora agrupada com a sogra e mais 8 pessoas – compondo três famílias nucleares, cujos chefes são todos do sexo feminino (Ver Quadro 1).

Ao observar o panorama de renda das três famílias abrigadas pelo mesmo teto, a qual perfaz um total de 3.270 cruzeiros (65 dólares), salário mínimo da época,<sup>12</sup> causa certo desnorreamento imaginar como é possível uma família ou um aglomerado de 15 pessoas, sobreviver com renda tão ínfima – ridícula sob qualquer tentativa de comparação. É difícil determinar uma grandeza que corresponda ao consumo feito com alimentação, habitação, saúde, higiene, transportes, educação, prestações e outras despesas, no contexto acima. Tarefa impossibilitada quando sabemos que o esforço de computação exigiria “fazer das tripas coração” para entrar a fundo no mundo de miséria dessas pessoas, muitas vezes, povoado de práticas de delitos e contravenções. Além disso, é importante respeitar as reservas das famílias com relação aos seus “segredos” de sobrevivência.

As pausas, as imagens que usam no discurso, muitas vezes servem para ilustrar o drama terrível que experimentam: Severina preparava um mingau para

QUADRO 1 - COMPOSIÇÃO DE UM DOMICÍLIO DE FAMÍLIA POBRE DO RECIFE - 1980

COMPOSIÇÃO FAMILIAR DE UM DOMICÍLIO POBRE DO RECIFE - 1980	IDADE (ANOS)	SEXO	ESTADO CIVIL	RELAÇÃO DE PARENTESCO	GRAU DE INSTRUÇÃO	FONTE DE RENEJA	RENDA DA ÚLTIMA SEMANA (CR\$, 1980)
1	55	F	Viúva	Mãe	Primário I	Pensão	400
11	26	M	Separado	Filho	Alfabetizado	Jogo da bicho + abono	920
12	2	M	-	Neto (filho de 2)	-	-	-
2	28	F	Separada	Filha	Alfabetizada	"jogo a sorte" sai com homens	-
21	12	M	-	Neto	Primário I	-	-
22	5	F	-	Neto	-	-	-
23	27	F	Separada	Filha	Alfabetizada	Lavadeira	1.000
24	3	M	-	Neto	-	-	-
25	18	F	Solteira	Filha	Alfabetizada	-	-
26	23	F	Separada	Filha	Alfabetizada	-	-
3	32	F	Separada	Nora	Primário I	Cozinha	950
31	10	M	-	Neto	Primário	-	-
32	4	M	-	Neto	-	-	-
32	3	F	-	Neto	-	-	-
33	2	M	-	Neto	-	-	-
34	7 meses	M	-	Neto	-	-	-

o filho menor que já se impacientava de fome. Os ingredientes do mingau: açúcar, uma colher rasa de leite e maizena. Cozinhava num fogão improvisado em cima de um girau; embaixo do girau, a lama em quantidade fervilhava de mosquitos. Porcos e galinhas dos vizinhos se misturavam no atoleiro, junto com as crianças esqueléticas. Enquanto Severina preparava o mingau, lembrou-se que já era tarde, tinha que apanhar o filho na escola e, na pressa, comentava: “A pior vida é essa de **pobre**. Não sei por que pobre vive. Pobre pensa que vai melhorar a vida dele quando vê, quebra a cara. Se eu tivesse o principal para as crianças comerem não me aporriava. Para trabalhar em casa de família, a patroa só quer que faça o serviço, não quer saber problema da gente. Pobre é uma derrota! Devia era morrer. . . Até essa hora não *tem* nada para comer. . . (ri).”

É “jogar a sorte”, como diz Maria José, companheira de teto de Severina. “Um dia volto com 300 cruzeiros, outro dia com 200”. Lança-se a toda sorte de coisas, às incertezas de ganhar ou perder. “A gente tem que aprender os macetes — assim, sempre trago alguma coisa para casa. . .”

A situação desse grupo de pessoas unidas por parentesco e pela solidariedade em repartir o **mínimo para a sobrevivência**, única solução para aliviar seus limites pecuniários, apresenta-se bastante específica no depoimento acima. É praticamente um agrupamento de mulheres descasadas e de crianças sem pai. A figura feminina predomina em pluralidade de elementos psico-afetivos e na pluralidade de funções que tem que desempenhar: na guarda dos filhos; na luta pelo pão; na luta pelo teto; na luta contra a discriminação.

As relações de troca e cooperação desse grupo de mulheres chefes de família, parecem demonstrar que existe entre as mulheres pobres um grau elevado de aceitação recíproca de ajuda mútua. Embora tais relações de cooperação estejam baseadas em uma uniformidade de expressões individuais, descontentamento e falta de poder, nenhuma das mulheres permite às outras escapar ou redimir-se de certas realidades duras que definem a mulher como prisioneiras diante das regras da **superexploração**. Os sentimentos de impotência são acentuados pelo tipo de trabalho proletário que executam dentro da sociedade, o qual não lhes permite acesso a um poder econômico e político, nem muito menos estabelecer escolhas livres dos seus destinos, tornando-as, portanto, “tributárias de uma herança cultural, de estereótipos que condicionam os destinos individuais”. 13

Vale a pena lembrar depoimento na pesquisa sobre o PINS, de uma jovem de 15 anos, mãe aos 12 anos de idade, freqüentadora assídua de gafeira, cuja experiência mostra quão fortemente certas escolhas de vida estão relacionadas com a impotência feminina, de uma incapacidade de poder superar a situação a que se está submetida:

“Já levei dois tiros, mas não pegou nenhum, de um homem que queria morar comigo e eu recusei. Não tenho compromisso com homem nenhum. Homem não respeita rapariga, só quer bater! Aqui os homens respeitam as moças, as mulheres que têm homens, mas as raparigas eles querem bater. Conheço esse mundo todo da malandragem; vivi aqui nestes altos desde criança com essa gente. A gente tem que enfrentar as coisas que aparecem. Não tenho medo de morrer, de que atirem em mim ou me firam com peixeira. Discuto com os caras, eles armados e eles não fazem nada comigo. Se a gente ficar com medo é pior”. Será

que não seria melhor para você procurar outro lugar menos perigoso para se divertir, outras companhias? (pesquisadora) “É, mas a gente é moço, tem que enfrentar de tudo, experimentar do ruim e do bom, ou para acertar ou não. Deixar que o tempo passe e quando a gente ficar velha ficarem mangando? Não!”

Não se pode negar a riqueza do material sociológico e psicológico que possuem esses dois casos acima. Eles compreendem elementos significativos condensados abaixo da superfície dos relacionamentos humanos das pessoas pobres para conseguirem um pouco de segurança e dinheiro. O que significa reunir, por exemplo, 15 pessoas em um mesmo teto pobre e miserável? Isso parece ter como razão maior a possibilidade de se conseguir um maior nível de bem-estar relativo, trazendo-se mais dinheiro para o domicílio. Diminui o impacto do intervalo de espera da procura de emprego. Enquanto dois ou três estão desempregados, outros conseguem fazer biscates ou jogar a sorte. É também uma forma de diminuir nos períodos de crise, quase sempre permanentes, o peso do desemprego, **fazendo-se serviços para o domicílio**: consertos da casa, cuidados com as crianças, etc. Mas é também uma forma de se ter um lugar onde se compartilham as desesperanças da instabilidade, da destruição familiar, do nomadismo laboral, geográfico e marital. De se ter um lugar onde se sentem as “tristezas da vida”, onde se percebe mais ainda a situação de explorado em que vive; é onde o sistema da realidade desses indivíduos se faz mais presente ao lado de outros.

O tempo que dura a acolhida dentro da família, a qual traduz uma das mais altas capacidades humanas — a capacidade de empatia e de apoio ao companheirismo —, é, em realidade, marcado por intervalos de mudanças que traduzem a dinâmica interna dentro das famílias, onde em cada ciclo apresenta-se uma composição diferente da unidade familiar. Portanto, é uma forma elaborada de adaptação ao mundo “real” em que se vive.

Aprende-se a fazer uso das amizades, do parentesco para organizar a segurança, em um equilíbrio entre realismo e engajamento. Principalmente, quando o chefe de família é do sexo feminino. Neste caso, o uso das amizades e do parentesco parece de suma importância.

Quais os comportamentos, atitudes, normas e mecanismos que as mulheres pobres são levadas a utilizar na tentativa de manter uma segurança relativa diante da exploração econômica e diferenciada, da cultura do patriarcalismo, e da expectativa social do papel ideal a que devem responder como mulher? Auto-sacrifício, masoquismo, narcisismo (a importância de ser bela e jovem), dependência, passividade sexual, “maternidade” desvelada?

O nível de necessidade do momento é que vai determinar a última realidade, por onde se podem delimitar as estratégias de sobrevivência concretamente possíveis. Qualquer vítima particular da exploração reconhece que, dentro do isolamento a que está submetida, que a coloca em um estado de incerteza e indeterminação, saber fazer alguns contatos com pessoas, ter amizades, é absolutamente e enfaticamente necessário para atravessar as grandes dificuldades. Principalmente, quando se é mulher pobre. Tem-se o que se lançar a sorte para acertar ou para perder. Algumas com medo, outras indecisas ou a **sangue-frio**, como bem revelou o caso da jovem acima. Em defesa de uma dignidade pessoal e do amor-próprio — mesmo que a luta travada com os adversários mais próximos não resulte em uma demonstração do mais profundo apreço pela existência.



A submissão, a prostituição, o histerismo são comportamentos que muitas vezes estão presentes nessa luta por uma segurança, para se garantir o sustento. Pode-se inclusive fiar-se nas rédeas da personalidade de possíveis agressores, selecionando-se alguns comportamentos que ajudam a chamar a atenção para si, cujo desfecho resulte em benefício para a pessoa.<sup>14</sup> Manipula-se o comportamento, manipula-se a doença, como reações do sentimento de impotência.

Por que obedecer cegamente, estar submisso às ordens de mando? É por que se nasce assim ou é por que, por exemplo, sem proteção das leis trabalhistas e diante da escassez de emprego, um comportamento submisso garantirá, mesmo sob danos pessoais, a sobrevivência?

Por que se mostra pouco diligente, criativo e até obtuso? É só por se crer que se é assim, ou é para se defender da exploração? Quanto mais as qualidades do indivíduo são visíveis, mais elas são passíveis de ser exploradas no valor que essas qualidades possuem:

“Quando a patroa pergunta: ‘Sabe fazer isso?, sabe fazer aquilo?’, eu digo sempre que não. Se a gente diz que sabe fazer tudo, ela não deixa a gente em paz. Esse trabalho não dá futuro. Branco não deixa a gente descansar. Não pode ver a gente parado, diz logo que é preguiçosa. Fica inventando trabalho, mesmo que a gente tenha terminado a tarefa. Não tem horário. Até de madrugada se trabalha. Se chega uma visita, vão acordar à gente. Se tem alguém doente dentro de casa e vão levar para o hospital, temos que acompanhar. . .”.<sup>15</sup>

Por que se ter uma vida nômade, sem raízes e pessoas a viver na periferia imunda da cidade, submetido a toda a sorte de incertezas? É por que não se tem nenhuma noção de ordem social e da ligação da rede familiar ou é por se sofrer a expulsão do campo, pela retirada das condições de existência do indivíduo?

“Quem fica no interior da maneira em que são dadas as condições de hoje, o pobre fica miserável, morre de fome. Agora o agricultor não tem direito mais de plantar, de ter a sua criação amarrada no pé de árvore. Os proprietários plantam em todo lugar. Pelo menos, aqui a gente tem uma ajudinha daqui e dali”.<sup>16</sup>

Portanto, temos uma ordem de fatores que nos diz que se as condições observadas fossem alteradas, os acontecimentos que **configuram** o quadro de falta de poder dos pobres também mudariam. Mas como alterar esses sentimentos, mesmo sabendo-se que as estruturas de poder têm se tomado fortes com a unidade das elites no poder? Como sair dessa situação, organizar e estruturar saídas possíveis?

As respostas geralmente dadas pela população sem poder são formuladas dentro de um vazio de informações que muitas vezes mistifica a realidade. O salto no sentido de resgatar o conhecimento de si dentro da realidade de exploração sofre muita interferência, levando à fragmentação da consciência de força e de união. Vejamos como isso se dá nos casos que são analisados a seguir.

## 2. POBREZA É PRISÃO

A família do Sr. F. era uma das beneficiárias do programa do PINS. A composição dessa unidade familiar se constituía de 6 pessoas adultas: o chefe com 59 anos, a mulher com 46 anos, a filha mais velha com 25 anos, o filho com 22 anos, a filha mais nova com 16 anos, e a sogra com 78 anos. O ambiente era de extrema pobreza. A lama dentro de casa. Um recipiente de plástico de água sanitária cortado ao meio fazendo as vezes de sanitário. Uma galinha com oito pintinhos dentro de casa, presa por um cordão na mesa (para não serem roubados), fazia parte do cenário do pequeno espaço destinado à habitação da família.

A proximidade com os problemas da família, após dois anos de acompanhamento, colocou-nos em contato com suas incertezas e filosofia de vida. Contudo, nesses encontros nunca tivemos oportunidade de entrevistar o chefe da casa. Sempre encontrava-se ausente. E as explicações para as ausências eram do tipo: "O velho deve estar bêbado por aí. Ele recebe benefício do INPS; a bebida já está atingindo a sua cabeça. Ele já foi internado três vezes no Hospital Psiquiátrico. Quando ele bebe, quebra tudo dentro de casa."

Essa era a versão que davam das condições do chefe da casa, versão essa que naturalmente não nos satisfazia.

Por sorte, em uma ocasião em que visitávamos a família para uma entrevista o encontramos e pudemos entrevistá-lo, ou melhor, ouvi-lo. Nesse dia, quando chegamos, Vó (a Sra. de 78 anos) fazia todos os serviços da casa, desde os corriqueiros da cozinha até carregar água de um chafariz a distância, desafiando o peso da sua idade e o de suas obrigações. (Em outra ocasião, encontramos com ela no caminho do chafariz levando com certa destreza cinco latas vazias para encher e destinar à venda. Ela falou que carregava vinte latas, de cinco litros, por dia a 2 cruzeiros (cerca de 5 centavos de dólar) cada. Com esse dinheiro ajudava à família. Enquanto falávamos com Vó, para nossa surpresa, apareceu de frente à porta, com uma pequena pasta na mão, camisa aberta ao peito, bermuda e sandálias japonesas, o Sr. F. Ele nos cumprimentou e sentou-se ao lado no lugar que Vó ocupava. Agora Vó ficava encostada no portal da porta da frente com a mão no queixo, braços cruzados e um ar de indignação na expressão do rosto. O Sr. F. falava alto, cantarolava e se dirigia para nós num estilo familiar. E começou a falar dizendo que queria que nós tivéssemos, "um livro diferente da sua história do que foi dado por eles" — a família:

"Sou marítimo e ganho muito bem. Ganhei 38 mil cruzeiros [760 dólares] no mês passado e neste mês vou ganhar 11 mil cruzeiros [220 dólares]." [Levantou-se, e foi buscar o comprovante de sua folha de pagamento, mostrando de quanto importou o seu salário nos últimos dois meses. Lê alto para que Vó também ouvisse.] E continuou: "Sou um homem que sei viver, gozar a vida. Comer do melhor. Vestir roupa boa, andar com gente mais fina. Você deve entender isso, pois quem ganha 2 cruzeiros só pode fazer gastos de acordo com o que ganha; quem não ganha nada, não gasta nada. Se ganho 38 mil cruzeiros, tenho que gastar de acordo com o que ganho. Se vou beber, não bebo cachaça; se estou cansado, não venho de ônibus, tomo um táxi. Pobreza é prisão. Não quero viver na

prisão, como essa caveira [dirigia-se a Vó]. Pobreza é nascer, morrer e não viver. . . É morrer na *tuia*. Isso eu não quero não — passar pela vida e não viver? Não! Não quero ser prisioneiro. O pior crime é ser miserável! Eles não sabem viver. Ganho para mim mesmo.

O garoto [refere-se ao filho de 22 anos] está com um emprego, entrou na polícia. O que é esse emprego, meu Deus?! Vai ficar prisioneiro?”

Vó: “Ele vai ganhar mais depois de três meses.”

Sr. F: “Mas o que é 3 mil cruzeiros [60 dólares] ou pouco mais? O negócio é ganhar muito dinheiro para não ser prisioneiro. Acho que o pior crime é ser *miserável*. É maior do que cometer um crime por justa causa. Eu como do melhor nos navios e o que é que essa gente come aqui?”

Vó: “Mas você quando está sem viajar fica comendo a comida da gente. Falar é fácil, cagar é preciso botar força!”

Sr. F: “Você não sabe de nada. Você é uma miserável. Vive de esmolas do Governo, aposentadoria dos velhos que devia ser para quem trabalha, e não para quem não fez nada.”

Vó: “Mas eu trabalhei muito. Lavei roupa. . .”

Sr. F: “É isso é trabalho?”

Evidente que aqui não é possível fazer uma apreciação do tipo de personalidade do entrevistado. Precisaríamos de outros elementos de informação de sua história de vida. Contudo, o que importa, e que parece vivo nas entrevistas, é a presença quase maciça de formas de espoliação humana que se revelam na **condição de vida dos indivíduos: isolamento, dependência, despolitização**. Quanto a esta questão, parece de importância no depoimento colocado como base de reflexão, a análise realística que o entrevistado faz da pobreza, utilizando uma imagem comparativa entre pobreza e prisão, expressa por um sentimento tomado do modelo de vida dos grupos mais abastados, possivelmente acentuado pelo conceito do entrevistado dentro da família, no que pese a sua autoridade de chefe encontrar-se ameaçada. A ênfase no discurso da relação entre *pobreza e prisão* mostra a rede fantástica de implicações e interdependências em que a condição de pobreza se situa frente a um complexo de dificuldades que desencoraja qualquer iniciativa do pobre. Tal natureza se revela fora do seu domínio e controle. De maneira que chega a despertar um forte sentimento de fatalismo e, com ele, uma despolitização das pessoas. Para o entrevistado, a única forma de tomar o curso do poder é identificar-se com aqueles que têm poder, assimilando seu estilo de vida.

A orientação desse sentimento de identificação e de ligação com os grupos privilegiados, tão fortemente observado na atitude do entrevistado no caso acima, **apóia-se** no modelo de pensamento do sistema social explorador que dita as normas, que castiga, que protege pela submissão. Quanto maior for a identificação com essa imagem representativa do poder, tanto maior é o desprezo pela classe a que se pertence e menores as possibilidades de se opor a esse poder enquanto indivíduo e enquanto classe.

Talvez fosse justo pensar no ponto de vista da realidade das famílias pobres, como se dão seus mecanismos de saída da pobreza e por que muitas vezes se tem que concentrar no individualismo para “vencer” na vida, a fim de asse-

gurar a satisfação das necessidades básicas da família. Percebemos que as famílias de renda baixa se encontram diante de dilemas cruciais, como a necessidade de defender o conforto próprio e de seus membros ou ajudar os parentes e amigos menos equipados para enfrentarem a luta pela sobrevivência. As duas alternativas estão amplamente presentes no dia-a-dia das escolhas das famílias. Temos o exemplo de um entrevistado chefe de família que teve a sua unidade familiar acrescida de *seis para nove pessoas*, durante um período de quatro meses. Acolheu o *irmão* que se encontrava desempregado, o *sobrinho* para tratamento de saúde e a *vizinha* que foi rejeitada pela família. Em outra ocasião, encontrei três famílias em uma mesma casa (15 pessoas). Compartilhavam de forma grotesca cada espaço da mísera habitação, invadida de lama e dos dejetos da maré. No pólo extremo, observa-se o caso da família do Sr. F, analisado anteriormente, em que este usufrui, embora não regularmente, de uma certa renda que é gasta em benefício próprio, enquanto a família passa necessidades.

Vemos manifestar-se o dilema que acompanha a escolha das famílias pobres para manter a segurança de seus membros. Diante de uma sociedade expropriadora, com um modelo de distribuição de renda altamente concentrador, observa-se que só são considerados em condições próprias para “vencer” na vida, os que estiverem com maior possibilidade de utilizar produtivamente suas aptidões para entrarem no jogo do mercado e fazerem multiplicar o capital que dispõem. Tais condições, sabe-se que muitas vezes, ou quase nunca, são acompanhadas das mais altas capacidades humanas. É, portanto, o homem competitivo, é o homem “forte” que tem que endurecer diante dos seus companheiros e parentes que possuem menos “sorte” ou que por timidez ou vergonha se mantiveram presos a sua simplicidade de homens “rudes”. Para “vencer” é necessário que se submeta ao jogo competitivo e ganancioso do lucro. Pode-se até pensar no tipo psicológico que caracteriza a maioria do padrão do homem “bem sucedido”. O que possui “sangue frio”, o de temperamento agressivo, o que carrega dentro de si a neurose de um permanente estado de luta. “O homem vale pelo que possui. Se tem dois mil réis vale dois mil réis, se tem 100 mil vale 100 mil”.<sup>17</sup> Expressão que caracteriza muito bem, a atmosfera social da concorrência entre os indivíduos de uma sociedade que se encontra sob o domínio do mercado, conduzida basicamente pelo imperativo da lei da oferta e da procura.

A lei do mais forte impõe-se e o *homo homini lupus* caracteriza perfeitamente o *homo oeconomicus*, esforçando-se cada um por devorar o outro a fim de sobreviver o primado do lucro e o imperativo da concorrência conduzem diretamente a este resultado, que vemos encarnado nas formas extremas do liberalismo: trustes, cartéis e grupos financeiros. Conclusão lógica do sistema. Por isso *triumfam assim que o capitalismo teve força* para empreender seu vôo.”<sup>18</sup>

Portanto, as contradições da natureza humana se somam às contradições que regem a ordem social pela busca da riqueza, sobressaindo como fator dominante o capital. O poder econômico legitimado pelo poder de uma minoria dominante e, sobretudo, pelo estabelecimento de uma hegemonia ideológico-cultural. Graciarana,<sup>19</sup> fala da correspondência estreita entre estrutura social e estrutura de poder que se manifesta através da estrutura de classe. O tipo de relação assimétrica entre classes estipula a gradação hierárquica, mais ou menos

sistemática, dos estratos sociais e o tipo de relações entre classes configura a estrutura social. É evidente que para sustentar os tipos de repertórios de papéis ou perfis em uma situação extrema de desigualdade, alguém geralmente paga o ônus dessa diferença, que se revela em muitos aspectos por indicadores que demarcam os grupos sociais, mais fundamentalmente pelo *status* e *poder*. Errandônea ao citar Marx diz que essa demarcação se concentra na questão da propriedade dos meios de produção: “Encontraríamos uma causação de propriedade dos meios de produção. Porque o círculo da pobreza é o círculo da riqueza”.<sup>20</sup>

A psicogênese do indivíduo pobre, ilustrada pelo caso do Sr. F, expressa de forma viva e sintomática os condicionamentos originados de uma estrutura social exploradora, justificada na lógica do lucro. Lógica que, como transparece da experiência, transforma-se em desordem. Desordem que supera os limites do âmbito puramente econômico e social, de forma a se poder admitir com certa segurança que a direção dos processos individuais da psiquê tem uma continuidade com a estrutura social opressora exercida de forma intensa, principalmente, sobre os grupos pobres. Daí esse reino da desordem ser tanto mais traumático quanto mais for conservada a relação de morbidez da exploração que, de fato, tem como artifício básico levar os indivíduos a acharem difícil acreditar neles próprios — pelo reforço dos laços de dependência e autoridade, do isolamento e da crença na inviabilidade do contato “em bases iguais”.

### 3. DA FRUSTRAÇÃO À CRIATIVIDADE

Do que foi dito parece-nos muito clara a trama em que se constrói e se amplia o sentimento subjetivo de impotência, de falta de poder, verificado no dia-a-dia das famílias do PINS e, por extensão, nas famílias pobres. Os relatos, apesar de não buscarem explicação para as questões das forças sociais que estão envolvidas na fixação das condições de vida, fovecem, contudo, esclarecimentos sobre o estado do sentimento de perda de controle dos próprios destinos, revelado sobretudo na perda da identidade pessoal e social e na desintegração dos elementos tradicionais das experiências de vida dos pobres.

Talvez fosse esclarecedor compreender como as imagens da repressão que apesar de frustrar e tentar impedir a expansão do campo de poder dos pobres por retirar as condições de luta, não dissolve o potencial e a criatividade ao ser questionada a obediência interiorizada.

Vejamos, à luz dos depoimentos de um estudo de caso, a que dou um tratamento especial por trazer no seu rico contexto psicológico e sociológico as expressões de luta que podem se tornar emergentes, por meio de algum poder que seja acessível.

“Não é todo mundo que fala assim como eu: O pobre é uma desgraça, enquanto eu dou este relatório os outros escondem e por trás derrubam, ficam falando. Têm medo.

“Eu digo tanta besteira, mas com razão. Tenho vergonha de ser filho do Brasil. A nação dá *liberdade*, mas acompanhada com muita fome. O governo não era para dar tanta *liberdade*. Veja, domingo, comprei meio

quilo de farinha a 15 cruzeiros na venda. Quando foi segunda-feira, aumentou dois cruzeiros. Absurdo! Os fiscais chegam e não querem nem saber quem pintou a barata. É por isso que eu digo: 'não vibro com isto aqui'. Quando eu era rapazinho, eu ficava vibrando com a Seleção Brasileira; quando ouvia o Hino Nacional ficava emocionado; agora, para mim tanto faz! Trabalho 12 horas por dia, 300 cruzeiros por semana. Não tenho um dia de folga e ainda agradeço a Deus".

"Todo homem pobre é revoltado. A sra. não acha que todo pobre é miserável? Pra o rico, tudo pode aumentar e [ele] não sente nada."

"Qual o sentimento que lhe desperta essa situação? (pesquisadora). "O sentimento é que o rico pode comprar nas feiras, nos mercados e a gente não pode. Tem que comprar aquilo mesmo. É o jeito."

"E o que isso representa para a sua pessoa?" (pesquisadora). "Representa sofrimento ver a pessoa rica poder e a gente não poder. É sofrimento sem jeito. Não *tem* pessoas para resolver o problema da pobreza. O pobre se sente liquidado na frente do rico, de ele poder e a gente não poder. Isto é em tudo. A Sra. conhece a Casa da Misericórdia? Lá não se enterra nenhum rico. Se morre uma pessoa, se a família não pode ou se não tem família que exija o corpo, pertence à Casa da Misericórdia. Qual o rico que fica lá? Aí é que eu digo que todo pobre é miserável. A Sra. não vê miséria no Espinheiro, em Boa Viagem. Mas caía nesta imundície aqui e a Sra. vê que *tem* tantas mulheres grávidas que não têm nem o que dar aos filhos. Eu tenho princípio de vivência; a Sra. pode ter leitura, eu com a minha vivência posso dizer coisas que a Sra. fica abismada. A vivência faz a gente **aprender**".

"Se eu não tiver nada pra comer, a Sra. pensa que eu vou pedir à Sra.? Não: vou roubar. Até agora Deus sempre me ajudou. Um amigo aqui já me falou: 'A, eu só não roubo porque tenho medo do pau da polícia.' Esperança, o pobre sempre tem de viver, mas a gente não pode viver. A comida de pobre, o pobre não pode comer mais; o cinema de bairro não *tem* mais; o futebol não *tá* dando mais *pra* ir, tudo foi tirado do pobre! As leis *pra* mim não importam porque eu tenho uma vida pior. Só acredito nas leis, se eu puder viver melhor. Eu ia ser mais humano. *Eu quero ser, mas não posso. O querer e não poder é o maior fracasso do poder*".

"O Governo nunca me ajudou. Mesmo assim, com a *inteligência braçal* eu cresci, a negociar com pequeno dinheiro e ainda cheguei a ter pelo menos dois pães para comer — porque eu podia comer o que queria. Outro pão é dizer poder comer alguma coisa. . . Então, vem o governo, mede o terreno que eu aterrei e levantei com os meus próprios punhos. Mede meu terreno e me dá o que quer. Fui falar, eles me disseram [gesticula representando] : 'quebre tudo e só deixe o terreno'. Eu disse: 'mas isso é uma desumanidade o que vocês estão fazendo para um homem pobre'. E a resposta foi: 'Só tem 72 horas para sair'. Para não perder tudo, recebi a migalha e fiquei novamente a nada. É por causa disso que sou *arrevoltado* com o governo. Terminei ficando a nada. . . Fico *arrevoltado*, a querer crescer, ter um pão certo e não poder porque eles não dão condi-

ções. Ao contrário, quando a gente pobre aterra e faz caminho para eles passarem, depois eles vêm e aí botam a gente para fora. Como é que o pobre pode crescer? Eles fazem a casa de vila, mas é preciso muita sorte para conseguir uma chave. Quando [se] consegue entrar não pode ficar [-se] porque o governo aumenta a taxa de pagamento. Sobee a água, sobee a luz, aí o pobre atrasa tudo, aí vem a COHAB e toma. Aí volta novamente o pobre para os alagados. Como é que a gente pode viver? Como é que a gente pode crescer? Sem emprego para ter dinheiro para pagar, o que eles *assobem*, sem casa, sem comida? . . .”

Sem dúvida que o entrevistado se apresenta com a visão altamente perceptiva das diferenças que separam a vida de cada um dos dois pólos: rico e pobre. É capaz de prever as reações de prazer e desprazer dos “patrões”, dos homens engravatados”: A forma caricatural com que representa os personagens dos exploradores, revela o conhecimento do impacto da relação desfavorável elaborada na complexidade da linguagem gestual e da dramatização. Ao descrever a figura do “patrão” não são esquecidos os mínimos detalhes. Uma caneta era simulada nas mãos sob uma postura de prepotência; não eram esquecidos os óculos nem tampouco as palavras do discurso tirânico, o qual não admite o fazer interpretativo do interlocutor.

Vê-se, contudo, que há uma vontade de mudar e de lutar com todos os meios acessíveis, mas não se sabe para onde, porque o processo da luta não aparece inteligível, transparente no seu conteúdo. Existe o sentimento de revolta, seguido de um sentimento de frustração como conseqüência da discrepância entre as expectativas de controle daquilo que é importante para a sobrevivência do indivíduo e o grau de controle real. Como legitimar direitos e aumentar defesas, se são fechadas todas as saídas para o indivíduo escapar do círculo vicioso em que está enredado, em face da negação de oportunidades iguais com respeito a trabalho, a educação e justiça social, para não falar de enfraquecimento moral e de incapacidade de realização psicológica?

Tal situação em que são mantidas as pessoas serve ainda para ampliar os interesses dos grupos já beneficiados: “. . . a gente aterra [o terreno] e faz o caminho para eles passarem, depois eles botam a gente para fora.” Os instrumentos dessa alienação são reconhecidos, como bem mostra o Sr. A, pelas próprias vítimas e pela cisão entre dois mundos, o mundo dos fracos e o mundo dos fortes. Portanto, a expectativa já é por assim dizer definida pelo limite desses dois mundos.

Em outra ocasião, o Sr. A escreveu do próprio punho uma reflexão, da qual passo a transcrever alguns trechos escolhidos:

“Aqui escreve um faminto por causa do governo, e um faminto grosso em tudo, em palavras e em tipo de pessoa. Tenho as minhas razões de ser grosso e brutal, porque perdi a minha mãe com 11 anos de idade, me acho hoje com 46 anos. [ . . . ]

Declaro violentamente o meu minguado custo de vida que é dos piores, mas existe piores do que eu. [ . . . ] Mas só culpamos o mau governo. Porque não olha para a sua caneta de ouro a somar a miséria dos pobres nos alagados, nos morros, [onde] vivem passando fome. Na hora [em que]

mais que aperta a minha fome, desconheço as leis. [ . . . ] Eles dizem que existe revolução, eles não querem fazer a revolução. Eles fazem a ditadura para matar os pobres de fome e dizem que o pobre é comunista. O pobre tem é muita fome, como eu. Sou velho hoje exportando tanta fome. Eles dizem que são patriotas matando a pobreza de fome. É melhor dizer que são os satanás. [ . . . ] Não tenho força para falar porque me falta memória e a boa memória vem do alimento. [ . . . ] Só queria ver quem me mandou a vir a esse mundo cheio de ladrões. Quem me mandou, é possível que segure os ladrões. Quem me mandou tem poderes de segurar os ladrões. E por que não segura? Porque os ladrões engravatados me parecem, vou dizer besteira, têm mais força do que quem me mandou ao mundo. Mas quem me mandou ao mundo vai destruir esses monstros engravatados. . . [ . . . ] Vivo sonhando com o tempo. . . tempo violento. . . , tempo que me traz muita fome. . . , tempo que traz governos terríveis. . .” [ . . . ]

“Aqui termino a dizer o que sinto, pela minha barriga, por toda miséria que eu sou. . . Eu não vivo, vegeto. Digo que o governo não gosta dos pobres. Pobre não tem direito a nada. O direito que lhe assiste é passar fome. E quando erra, é cadeia e borracha. Os tubarões erram e gozam uma prisão especial. E o pobre tem [só] o direito de passar fome e dizer a pulso que é brasileiro. Brasil, que é terra do meu sangue e sangue da minha garra. Por isso eu digo: Viva Tiradentes! Viva os Pobres! Viva Deus! E *morra* os tubarões! [ . . . ] Eu queria ser ao lado do governo, [mas] com minha barriga cheia! Não sou porque a minha barriga é vazia. Desde que me entendi de gente sou um grosso analfabeto, mas sou inspirado por Deus. Eu digo o que quero e entendo, ninguém pode fechar a boca de um faminto ferido. . .”

“Deveriam estar no governo homens pobres de sofrimento agudo, não homens que já nascem em berço de ouro. Como é que esse homem [rico] pode *arreconhecer* a pobreza do pobre, se nunca morou nos morros, favelas e alagados? O que ele bem conhece é o seu sobrado. O pobre nunca diz que nada é ruim. Se todos se reuníssem e fizessem aquela força de união e dissessem que o salário não dava, talvez até *arresolvesse*. Deixassem de encher os campos de futebol. . . O pobre *tá* na mau porque não tem ajuda de ninguém. Esse ninguém eu chamo os dirigentes. Pessoas que assumem os cargos sem ter conhecimento da pobreza do pobre. . . Tudo para eles está *bem*. . .”

Destaca-se no texto acima um princípio que é defendido pelo entrevistado, o qual julga superior a qualquer outro princípio utilizado no processo de compreensão da análise do problema da pobreza: é o saber através da vivência em relação ao saber através da leitura, da técnica. Esse saber experienciado, aprendido na “rua da vida”, com a “inteligência braçal”, explicitado de maneira fenomenológica pelo sofrimento, pela privação, é um *desabafo*, mas é também um conhecimento rico de experiências transmitidas e aprendidas pela comunicação oral, pelo gesto e, principalmente, através das bases do conhecimento de quem sofreu as mais variadas formas de opressão e experimentou as mais duras



vivências em sua geração e em gerações anteriores. Naturalmente, é uma visão carregada de emoções, de contradições, de realismo fantástico, através do fantástico sendo-nos reveladas as verdadeiras alienações e intenções aí implícitas.

Vêm-se ainda no depoimento acima sinais de um potencial de luta que poderia ser ampliado. A análise é lúcida ao indicar a relação entre o poder onipotente dos políticos, nela chamados de “homens engravatados”, e as decisões de grandes conseqüências tomadas além do controle do cidadão comum e, muito menos, da participação de cidadãos como o **depoente**, moradores de alagados, que não adquiriram de fato a cidadania plena, que são cidadãos subalternos que lutam para sobreviver da forma que podem. É que, por conseguinte, são atingidos **duramente** em sua conduta e perspectivas, ao serem empurrados para direções que não são as suas, de tal forma que são pressionados a uma constante situação de insegurança, sem objetivos e sem poder, tão bem expressa na máxima do entrevistado: “querer e não poder é o maior fracasso do poder”.

A percepção dessa condição revela a diferença do indivíduo em situação de impotência diante de outros cidadãos, mesmo dos mais comuns, na participação do poder. O fato de não se ter acesso suficiente ao poder a ponto de que se possa exercer certa influência na determinação das condições da própria vida, naturalmente, leva a que o indivíduo se sinta uma peça de engrenagem sem nenhuma importância na máquina. Privado da oportunidade de auto-afirmação, do orgulho e dignidade, aumenta no indivíduo o senso de ineficiência, o qual reaviva sentimentos de desamparo e fraqueza. E, ao mesmo tempo que este sentimento de fraqueza e desamparo é lembrado, aparecem com ele as raízes que o condicionaram. O problema é percebido na análise que o indivíduo faz acerca do processo de formação da riqueza dos políticos e de outros profissionais que oneram a Nação, processo esse que beneficia aqueles já **privilegiados**. Ressalta ainda a visão das leis e de um Judiciário que punem principalmente o homem já embrutecido pela miséria. O contraste da fome do indivíduo no meio da abundância, a exploração do trabalho, das horas de lazer e da própria qualidade do lazer e tantas outras situações que acompanham as experiências do circuito fechado de pobreza, fazem com que o indivíduo acredite no poder dos “homens engravatados” como uma situação onipresente que condiciona os fatos e concede aos favorecidos o poder de dispor do máximo de tudo e de realizar a sua vontade, mesmo de frente da resistência dos outros.

As reflexões retiradas da experiência do cotidiano amargo do indivíduo, fornecem pistas para a visão das reivindicações nelas implícitas:

“O pobre não deve ficar calado”;

“... ter um governo que atenda à pobreza”;

“O pobre deve fazer força e união”;

“O pobre não devia encher os campos de futebol”.

Nessas sugestões vê-se delinear uma certa estratégia de luta. Contudo, o esforço pessoal não resolve os problemas da má situação de vida nem restitui o poder, principalmente, quando a condição de inserção social do indivíduo no modo de produção já é um impedimento para esse fim, ao contrário da situação organizada coletivamente, a qual possibilita reunir uma base comum de interesses e de lutas, situação essa que contrasta com a condição de isolamento do entrevistado.

A combinação entre as estratégias de luta para restituir o poder e o sistema de idéias aí necessário vai depender do potencial de organização dos indivíduos exercido numa prática. Isto é, na medida em que os indivíduos puderem “construir mundos de consciência melhor adequados às práticas de uma formação social”, 21 como é o caso ao se produzir um sistema de idéias que expresse não só soluções para resolver os interesses e necessidades individuais imediatas, mas também soluções que estão ligadas aos interesses coletivos da comunidade, é possível ampliar o campo do seu poder.

#### NOTAS E REFERÊNCIAS:

- 1 A referência aos termos impotência, falta de poder, utilizados no texto, em parte corresponde genericamente ao conceito de *powerlessness* empregado na literatura sociológica funcionalista. Não constitui, porém, uma tradução integral do mesmo, vistos os pressupostos teóricos e políticos diferentes que os dois conceitos têm atrás de si.

*Powerlessness*, condição de falta de poder, é uma situação que se refere a um conjunto de reações vivenciadas pelos indivíduos ao se sentirem incapazes de influir nos acontecimentos que determinam interesses básicos de sua vida.

Há apenas dez anos é que se iniciou o estudo da medida dos sentimentos de poder e falta de poder das pessoas, por sociólogos. No trabalho de James S. COLEMAN, *Power and the Structure of Society*, faz-se referência a pessoas que se sentem *powerless*, com falta de poder, a que correspondem reações de apatia, incapacidade de aproveitar as oportunidades que surgem, uma falta de interesse nos acontecimentos internacionais, uma discriminação da capacidade de aprendizagem das pessoas e um aumento da violência. COLEMAN, James S. *Power and the Structure of Society* W. W. Norton, New York, 1974, p. 53.

Julian ROTTER, estudando aprendizagem, desenvolve a noção de medidas de controle interno (isto é, um senso de controle da pessoa, das atividades que a atingem) e do controle externo (o senso subjetivo das forças que estão fora de si) as quais são utilizadas como medidas da *powerlessness*. Ver, W. H. JAMES and J. B. ROTTER, “Partial and One Hundred Percent Reinforcement under Chance and Kill Conditions”, *Journal of Experimental Psychology*, 55 (May, 1958), p. 397-403.

Mervin SEERMAN tem usado extensivamente uma medida semelhante, que ele chama de medida da *powerlessness*. Seerman tem mostrado a importância do elemento psíquico no estudo da *powerlessness*. Seus estudos e experiências revelaram que as pessoas que se sentem com o sentimento de *powerlessness*, não aprendem bastante sobre o ambiente em que vivem como aqueles que acreditam que têm poder de controlar eventos, além de revelarem pouco interesse por questões internacionais e por conhecimentos

políticos. Ver SEERMAN, Mervin "On the Meaning of Alienation". *American Sociological Review*. Vol. 24, 1959, p. 783-791.

Chamamos atenção ao uso funcionalista do constructo *powerlessness* utilizado pela maioria da bibliografia consultada. A visão funcionalista do constructo *powerlessness* favorece o uso de concepções errôneas, que podem encobrir a realidade objetiva dos indivíduos submetidos a uma relação assimétrica de poder. Por exemplo, ter expectativas desfavoráveis é um fato real diante das condições de exploração. Não é um elemento que possa ser explicado eliminando o contexto estrutural em que se dá o comportamento especificado da *powerlessness*. O constructo utilizado sem essa reflexão, esconde em seu conteúdo a referência ao modo diferente e persistente de exploração e de repressão em que os grupos sociais menos privilegiados acham-se inseridos, além de fortalecer a visão estática e personalizada da marginalidade.

- 2 O PINS é sigla do Projeto Integrado de Nutrição e Saúde, enquadrado no Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN) e implantado no Recife a partir de 1977, conduzido, em bases experimentais, através de um esquema de subsídios de alimentos, com a finalidade de elevar as condições nutricionais de um grupo de famílias — 10.071 — localizadas em áreas de baixa renda na cidade do Recife. Sobre o PINS foi efetuada na Fundação Joaquim Nabuco, pesquisa de avaliação sócio-econômica em 1977-80. Ver CAVALCANTI, Clóvis et alii. *Pobreza, carestia, subalimentação: avaliação sócio-econômica de uma intervenção nutricional em Pernambuco*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1984.
- 3 Segundo Jung, "El mundo es una realidade suprapersonal, a la que nunca puede hacer justicia una psicologia orientada esencialmente hacia lo personal. Esta solo vale tanto cuanto alcanza lo personal en el hombre. Pero en cuanto el hombre es también una parte del mundo, lleva en sí el mundo, es decir, algo supra impersonal." JUNG, G. C. *Consideraciones sobre la Historia Actual*. Ediciones Guadarrama, Madrid, 1968, p. 45.
- 4 DEUTSCH, M. e KRAUSS, R. N. *Theories in Social Psychology*. New York; Basic Books, 1965, p. 56.
- 5 MARX, Karl. *El Dieciocho Brumario de Luís Bonaparte*. Moscou. Editorial Progreso. URSS.
- 6 MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 8 ed. Rio de Janeiro. Editora José Olympio. 1976, 147 p. ilus.; p. 74.
- 7 MERTON, Robert. *Social Theory and Social Structure*. New York, The Free Press, 1957, p. 266.
- 8 SILBERSTEIN, Paul. Favela Living: Personal Solutions to Larger Problems. *América Latina*, Rio de Janeiro. 12(3):199, jul/set. 1969.
- 9 FONTE: pesquisa dos estudos de caso do PINS.
- 10 MOURÃO, Mello Geraldo. "Lumpen-elektorat". *Folha de São Paulo*, 23. 11.82, 3ª feira. A expressão "lumpen-elektorat" utilizada pelo autor é uma analogia à expressão alemã "lumpenproletariat" — "assim como existem os "lumpens" à margem das classes sociais, existem as regiões "lumpen", à

- margem da propriedade nacional. Nessas regiões acumula-se também o conglomerado ilícito daquilo a que poderíamos chamar de “lumpen-elektorat”...
- 11 MOURÃO, Mello Geraldo, *op. cit.* Tal referência parece útil porque revela a expressão mais forte da espoliação social, contudo, não concordamos com a negação do potencial desses indivíduos feita na citação do Mourão. É preciso lembrar que a nossa situação social é bem diferente da relatada por Mourão ao definir o “lumpenproletariat” dos marxistas. Temos uma realidade muito mais plástica, que permite por exemplo ao indivíduo marginal, ao ladrão, ser também um membro da classe trabalhadora informal e a mover-se socialmente dentro de um contexto peculiar mesclado de papéis que ajuda o indivíduo a prestar serviços de infra-estrutura, dos quais desfrutam famílias de classe média e outras.
  - 12 A referência aqui é ao último período do estudo de avaliação do PINS (abril-junho 1980) e ao salário mínimo da região na época: CR\$ 3.270 cruzeiros (65 dólares).
  - 13 FREIRE, Paulo; Rosiska e Miguel Darcy de OLIVEIRA; Claudius CECCON. *Vivendo e Aprendendo*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1980, cap. 3, “As Mulheres em Movimento”, Rosiska Darcy de OLIVEIRA, p. 55.
  - 14 CHESLER, Plyllis. *Women Madness*. New York, Avon Books, 1972, p. 262.
  - 15 Depoimento de mulher entrevistada em estudo de caso da pesquisa sobre o PINS.
  - 16 Depoimento colhido através dos estudos de caso para avaliação da Pesquisa do PINS.
  - 17 Depoimento colhido através dos estudos de caso para avaliação da Pesquisa do PINS.
  - 18 CHARBONNEAU, Paul – EUGÈNE – *Cristianismo, Sociedade e Revolução*. São Paulo, Editora Herder, 1965, p. 158.
  - 19 GRACIARANA, Jorge: *Poder Y Clases Sociales en el desarrollo de América Latina*. Buenos Aires. Paidós, 1967, p. 51-52
  - 20 ERRANDONEA, Alfredo Mário: *Las Clases Sociales en el Uruguay actual. Enciclopedia Uruguaya*. nº 53, Arca, 1969, p. 43-46
  - 21 HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *O Mito das Estratégias de Sobrevivência*. Fortaleza, Ed. UFC, 1982.